



Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO



Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

SEMANTARIO REPUBLICANO

Numero 205

Assignaturas

AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).

PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações

No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

DESPOTISMO

Não devemos perder nenhuma das manifestações d'esse despotismo descarado, portanto afrentoso, que pesa sobre o paiz ha doze annos. O paiz cança-se, dá symptomas evidentes de revolta. Por isso mesmo convém expôr e registrar, sem descanso, todas as affrontas do revoltante poder pessoal, do impudico arbitrio a que está sujeita a vida portugueza.

O *Comercio de Vizeu*, folha regeneradora, publica no seu ultimo numero uma carta de Lisboa, que contém periodos curiosissimos. Ora vejamos.

«Esta resolução de encerrar as côrtes antes do fim do mez, deixando para o anno a saneção na camara alta d'algumas propostas d'incontestavel interesse para a administração do paiz, obedeceu a uma questão d'ordem publica.

Desde que a tagarelice indigena chegou na camara dos pares ao ponto inconveniente em que a temos visto nas duas ultimas sessões, a proposito ou antes a despropósito da insubordinação do 18.º febril aquillo quanto mais depressa é uma exigencia de hygiene perante a epidemia que rebentou no Porto.»

Fechar aquillo! Aquillo é a camara dos pares. Assim se expressa um jornal do governo, órgão da politica regeneradora n'um districto importante. Esta linguagem era usual nos papeis da opposição monarchica, que engrandecem no poder todas as instituições do regimen para as arrastarem pela lama logo que abandonam o poder. Mas, n'um órgão ministerial não é muito vulgar.

Fechar aquillo! Fechar aquillo a correr deixando para o anno algumas propostas d'incontestavel interesse para a administração do paiz, tornou-se, para o governo, d'uma necessidade impreterivel.

Porque? Porque a tagarelice indigena chegou na camara dos pares ao ponto inconveniente em que a temos visto nas duas ultimas sessões, a proposito da insubordinação do 18.º Assim se exprime o correspondente do órgão regenerador.

Ora a unica opposição séria, que o governo encontrou este anno, foi exactamente a da camara dos pares na questão da insubordinação do 18.º De maneira que as camaras funcionam apenas com a condição de se não opporem aos arbitrios e ás iniquidades dos governos. Emquanto procederem assim a camara dos pares é a mais respeitavel e sagrada das instituições e bem assim a camara dos illustres deputados da nação. Mas assim que fazem opposição a sério, opposição levantada e digna, passam a

ser aquillo, e o governo fecha-as em nome da hygiene publica.

Já todos nós sabemos isto. Nem por isso deixa de ser digno de menção o assignalado impudôr com que o vem confessar, um dos serventuarios do proprio governo.

Segundo esse cavalheiro, os oradores da camara dos pares, que atacaram o ministro da guerra, estavam fomentando a anarchia das casernas. Ora o *Comercio de Vizeu* deve conhecer perfeitamente alguns dos mais notaveis fomentadores da tal anarchia de caserna, fomentadores que não estavam nem estão na camara dos pares e que não eram, nem são, os desgraçados soldados de infantaria 18.º Deve-os conhecer.

São certos bandalhetes que vendem as rações dos cavallos, matando-os á fome ou que sustentam com ellas as gallinhas; que andam associados com os arrematantes dos estrumes para defraudarem a fazenda nacional; que ficam com os pretos dos impedidos; que subtraem os soldados ao serviço regimental para os mandarem trabalhar nas proprias propriedades; os ignobeis pataregas, que não teem outro ideal senão o brosqe e o estrume, e que, para favorecer o brosqe e o estrume, lançam ao maior desprezo o serviço publico, colligando-se n'um espirito de dreyfusismo infame, para perseguirem todos quantos trabalham dignamente, quantos honradamente ganham o dinheiro que o thezouro lhes paga.

Contos largos, que ficam para occasião oportuna, em que hão de assombrar o exercito e o paiz. Um dos maiores meritos do homem é ter paciencia para esperar, mas, convencidos de que o *Comercio de Vizeu* conhece alguns d'esses miseraveis, que os altos agalados, os imbecis que passam dizendo a tudo muitissimo de bem, não só deixam impunes, mas agazalham e alentam, convencidos d'isso, não nos soffre o animo ouvi-lo apregoar que são os soldados do 18.º e os pares do reino que atacaram o excessivo rigor do sr. ministro da guerra, os fomentadores da anarchia da caserna.

Contra essa injustiça protestamos, ao mesmo tempo que vamos registando todas as demonstrações do despotismo e todás as manifestações do poder pessoal.

Cada um deve estar prompto a fazer o que diz e a dizer o que faz.

CONFUCIO.

— O orgulhoso ou soberbo, abatendo e humilhando os outros com a ostentação da sua chimerica superioridade, os obriga muitas vezes a indignações cujo resultado é fazer patentear a sua insignificancia.

Cartas d'Algures

26 DE JUNHO.

Todos os jornaes referiram, a proposito da greve dos tecelões, a extraordinaria miseria em que vivem certas classes no Porto.

Ora essa miseria é geral, estende-se a todo o paiz, agrava-se de dia para dia, sem que ninguém trate de lhe obstar, ou por medidas governativas, ou por uma propaganda activa e sensata. En'este ponto, como em muitos outros, teem os periodicos democraticos falseado completamente a sua missão.

Uma das causas da grande miseria das classes populares em Portugal é o proteccionismo feroz, que se arvorou como bandeira, como suprema medida salvadora. E' certo que o paiz não estava em condições de se reclamar o livre cambio, que é um dos grandes principios da democracia em todos os paizes progressivos e cultos. Mas d'uma protecção sensata á insensatez, á ferocidade a que ella chegou entre nós, vae muita differença, e os periodicos democraticos tinham o dever de orientar a opinião, em vez de se deixarem ir cegamente na corrente.

Na Inglaterra, todos os liberaes, republicanos, socialistas, todos os democratas, emfim, se apressaram a vir a campo combater energicamente as tendencias proteccionistas do famoso Chamberlain, e, em especial, a applicação da pauta differencial aos generos alimenticios.

Na Alemanha, sabe-se como os socialistas combateram em dezembro ultimo o augmento de direito pautal sobre o centeio, trigo, gado bovino, etc. Sobre esse augmento foram feitas as ultimas eleições e sobre elle se vão fazer as eleições de desempate.

E' o ponto capital do programma dos candidatos socialistas. Pois a opinião publica, irritada, sobretudo as classes trabalhadoras, as que mais soffrem com todo o augmento de direitos sobre os generos alimenticios, já dêram uma votação consideravel aos deputados socialistas, votação que vae augmentar nas eleições de desempate.

Os deputados socialistas eram 58 na camara passada. Passarão de 80 na camara actual. E principalmente, repetimos, quasi exclusivamente, por causa do augmento de imposto sobre o centeio, sobre o trigo e sobre o gado bovino, isto é, sobre o pão e a carne.

Assim procedem os povos que querem viver.

Em França, dizia a agencia Havas, varios deputados pediram ha dias a redução nos direitos do trigo a importar para não haver augmento no preço do pão.

Assim procedem, outra vez o dizemos, os povos que querem viver.

Em Portugal, vegetamos, nós, em plena lei da fome. O imposto do consumo, em Lisboa, duplicou em vinte e tantos annos. A contribuição predial, essa, no mesmo praso, diminuiu em todo o reino. Era de 3:107 contos em 1880. E' de 3:094 contos em 1903!

Os ruraes, dizia-me ha pouco um amigo meu, muito illustrado e intelligente, pagam menos, em

tudo o paiz, do que só os pobres tuberculosos da capital.

Desgraçadamente, assim é. Em 1893, propriedades rusticas e urbanas com rendimento superior a 500\$000 réis, só havia 2421!

Pelo annuario das contribuições directas de 1892-93, vê-se que no districto de Beja só havia 18 n'aquellas condições; no districto de Evora 61; e no de Portalegre 21. Ora isto não é crível. E' licito e logico concluir-se que os grandes proprietarios sonégam ao fisco o rendimento das propriedades.

E para isto, e para termos ainda 4.000:600 hectares de terrenos incultos, segundo os melhores calculos, existe ha 14 annos a celebre lei dos cereaes, que é tudo quanto ha de mais vexatorio, de mais iniquo, de mais arbitrario, de mais espantoso no mundo. E existe, sem um protesto de socialistas e republicanos!

Se alguém tem fallado n'essa iniquidade ainda teem sido os conservadores. Mariano de Carvalho, sobre todos, no *Popular*. Jornaes republicanos, jornaes socialistas, nem pio!

Desde 1889 que é limitada a quantidade da importação de trigo, e em alguns annos não se importa coisa nenhuma; o direito não é fixo, mas sim movel, erro condemnado em todos os paizes; e chega o abuso, o attentado, o escandalo, a preferir-se a livre entrada de pão cosido, de todas as povoações hespanholas, visinhas da fronteira, á importação de trigo!

Em França, pediram os deputados de Paris, ao ministro da agricultura, a redução nos direitos do trigo, porque, vendendo-se este, em setembro ultimo, no mercado de Paris, a 20,5 francos por 100 kilos — o que corresponde a 369 réis por cada 10 kilos — esse preço — tinha elevado a 25 francos — 450 réis cada 10 kilos.

Ora quem quer o confronto?

Em França entra livremente, todo o anno, o trigo ou farinha necessaria, mediante o pagamento do direito pautal. Em Portugal, só quem tiver fabrica matriculada pôde importar e despachar trigo estrangeiro. E farinhas só as importa o governo em determinados casos, determinados casos em que o thesouro tem perdido, até hoje, de 1:500 a 2:000 contos de réis.

Mas a importação de trigo só é permitida quando a *Real Associação de Agricultura* dá licença. E' essa *Real Associação* que estipula a quantidade a importar; a epocha da importação; e é ella que fixa o direito. Isto parece phantastico, mas não é!

A par d'este phantastico, funambulesco, pyramidal *contrôle*, a lavoura tem uma lei que fixa preços certos ao trigo nacional e venda certa (compra obrigatoria para as fabricas matriculadas).

Em França custava o trigo 369 réis, e achava-se muito caro o preço, que elle attingiu ultimamente, de 450 réis cada 10 kilos. Pois aos lavradores de Portugal, a lei garante, para os trigos molles de 81 kilos de peso o hectolitro, 720 réis cada 10 k. — 804 réis o alqueire de 13,8 ou sejam, em relação ao 1.º preço de França, mais 95% e em relação ao 2.º (25 fr.) mais 60%!

Em França o direito é de 7

francos em 100 k. ou 1\$260 réis. Pede-se a redução para 5 fr. ou 900 réis. Em Portugal o direito é de 1\$900 réis!

Sem fallar no abuso permittido dos lavradores não manifestarem o trigo, de se aproveitarem da lucta da concorrência para o venderem por preço ainda superior ao da lei, etc.

E vamos ficar peor. E tudo sem um protesto dos amigos do povo, dos que choram a miseria dos tecelões, dos que andam a proclamar humanitarismo por todos os cantos.

Decididamente, por menos pessimista que um homem queira ser ha momentos em que não pôde deixar de desesperar da salvação d'esta terra infeliz.

A. B.

A morte é a entrada na mansão dos grandes esplendores.

VICTOR HUGO.

JUNTA DA BARRA

Parece que esta prestante instituição local está nas melhores disposições em adquirir o terreno do palheiro velho no canal de S. Roque, a que nos referimos no domingo passado.

Pouco é o dispendio, e todavia é um grande serviço que presta á cidade e ao local, pois que desaparecendo d'alli aquella horrenda mascara torna-se o sitio mais arejado e com um bello horizonste.

Acto digno

O nosso bom amigo e patricio, sr. José Maria de Mattos, residente ha annos em Lisboa, acaba de contemplar o cofre da Associação do Monte-Pio, d'esta cidade, com o donativo de 10\$000 réis.

São sempre dignos de registo actos de benemerencia, que honram sobremaneira quem os pratica, jámais quando revertem a favor d'uma instituição tão util e prestante como o é, sem duvida, o Monte-Pio Aveirense das Classes Laboriosas.

Tiro Civil

Vae brevemente ser inaugurada na Sociedade *Recreio Artistico*, uma filial da Associação do Tiro Civil, que promete florescer entre nós como coisa util e proveitosa para todos e especialmente para os mancebos sujeitos ao serviço militar.

Ha para isso as mais lisongieras esperanças nas pessoas que generosamente se propozeram contribuir com o seu valioso auxilio para tal fim e com a boa vontade da direcção d'aquella casa de recreio que altamente se tem empenhado na sua organização.

Consta-nos que ha bastante entusiasmo para a inscripção de socios.

Matar um homem no paroxismo d'uma paixão, comprehende-se; mandal-o matar n'uma praça publica, premeditando séria e socegadamente sob o pretexto de um ministerio honroso, isso é que ninguém percebe.

CARLOS NEDIEB.

CARTAS DO PORTO

25 DE JUNHO.

A greve—Boatos—O estado actual da greve—Como os patrões fazem, etc.

Com adhesões de varias classes, a greve tem-se mantido firme nas reclamações justas dos operarios tecelões.

Assim, os phosphoristas e alguns dos operarios das officinas do Caminho de Ferro do Porto a Povoia e a Famalicão, vieram engrossar as fileiras dos 30.000 grévistas.

As classes estranhas á dos tecelões fizeram publicar nos jornaes que nenhum motivo de quiza contra os patrões os levava á aquella conducta, mas unicamente por solidaria com os fiandeiros que com tanta nobreza tem luctado em prol da sua causa.

Esta semana correu com insistencia que os gazomistas se iam collocar ao lado dos sem trabalho; boato terrorista que alarmou os portuenses julgando se forçados a voltar aos tempos em que se precisava trazer lampião pelas ruas da cidade.

Por este boato alguma gente se retirou da cidade; affirmava-se que o governo na previsão de que tal succedesse faria substituir aquelles operarios por militares, tal como fez em Lisboa por ocasião da greve dos trabalhadores da Companhia do gaz.

Contava-se que os padeiros se declarariam em greve e que ordens emanadas do ministerio autorisariam a venda do pão na Padaria Militar.

Nada d'isto, felizmente, chegou a confirmar-se devido, talvez, á conclusão satisfactoria para os tecelões que o actual movimento parece tomar.

A gárga dos monopolios e trusts também correu por essas ruas; a balala tomou proporções quando um dia rio da tarde veio á estacada arrogar-se em estremo defensor do operario espezinhado para armar aos desreiosinhos o articulista, dotado de vista dupla, via coisas, descobria manhas, citava activos e passivos de Companhias Lisboenses, via phrases que a greve tinha tomado e, coitadinho, por desespero da nenhuma cotação em que é tido, abocava individualidades, na direcção d'um jornal que durante o movimento teve uma linha de conducta magnifica pela a comprehensão do seu director politico, fazendo ouvir nos ingenuos que n'esse jornal se auxiliava o trust algodoeiro.

Valha-nos ao menos que todos que conhecem o rabisador lhe viram a ronha (por demais conhecida quando trabalhava para se formar) e como recompensa obteve uma trogasinha. Vá que foram generosos.

Os tropas de cavallaria 7 julgam se em terra de francezes. No sabbado em Pereiro (porção proxima do Porto), n'um campo, estavam cerca de uns 15 individuos conversando.

Mas, como hoje se não pôde falar, uns 4 cavalleiros valentes vão de encontro ao grupo e rudemente intimam a dispersar ao que aquelles individuos não prestaram muita attenção pela forma como foram intimidados.

Imediatamente os de cavallaria 7 raparam das durindanas e zas... vá de espadear por não terem a ligeireza precisa na execução da marcial ordem.

Do grupo, ao verem-se agredidos pela ordem, partir um tiro para o ar; como resposta a furia dos tropas redobra e sacam dos revolvers, despejando uns tiros sobre os individuos que figuram em varias direcções. O cabo, porém, ao galgar um muro, cahiu ficando ferido; não obsteo isso a que deixasse de perseguir os fagitivos.

Poucos minutos se passavam vinha em auxilio dos quatro cavalleiros uma força de policia e de cavallaria 9.

Por volta das 3 horas tinham capturado quatro individuos. Dos populares nenhum ficou ferido. Nos jornaes, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisboense, protestou contra o boato lançado pelo Diario da Tarde da formação do monopolio, aventado por aquella companhia.

depois d'aquella data, serão á sua escolha.

Diz, como razão, que com enormes sacrificios sustentava a laboração da fabrica, trabalhando para lote.

A verdadeira causa talvez seja o caminho que as negociações vão tomando em favor dos operarios?

No D. Amélia os prisioneiros dizem ser bem tratados. Já vão de lá saindo alguns e aos domingos é uma romaria de lagrimas e alegrias áquelle vapor.

Do S. João n'esta nobre e invicta cidade, só posso dizer, caros leitores, que a alegria popular mais uma vez sahii á luz. Les portugais sout toujours gais; razão tem os francezes do dito. N'outros dias lucta-se pela conquista do pão; na hora da amargura, enquanto uns são privados da liberdade, canta-se, ri-se e... bebe-se para dar mais trabalho aos varredores na manhã do dia seguinte. As festas foram poucas, mas estas muito concorridas.

E por hoje mais nada, leitores. Até á semana.

CORRESPONDENTE.

(Correspondente particular)

25, As 11 h. NOITE.

A greve alapardada—Paz e concordia—Um manifesto—A noite de S. João

Os jornaes d'esta cidade dão quasi por terminada a greve, dizendo que hoje ou amanhã deve tudo ficar resolvido a contento dos industriaes e grévistas, esperando que na proxima terça-feira, já poderão fazer a sua entrada triumphal nas respectivas fabricas, retomando os seus antigos logares, todos os grévistas tecelões.

Será assim tudo quanto quizerem dizer, e eu desejava que assim fosse, mas... sem vêr não acredito. Sou como S. Thomé, vêr para crêr.

E' certo que algumas fabricas e officinas já abriram e estão em laboração, mas nem todos os operarios concordaram, e os mais renitentes, insistem em não voltarem aos seus antigos logares, enquanto não estiver tudo resolvido a favor dos seus companheiros de trabalho.

Portanto a greve continúa, mas com menos barulho e com menos peixe espada. O que ella está é alapada, esperando a decisão de toda esta trapalhada, para resolver o que tem a fazer.

Paz e concordia no meio de tudo isto, ainda não ha, e para o que, veremos o que sahirá agora com a Companhia dos Phosphoros e os seus operarios, que abandonando estes o trabalho somente por solidariade com a classe dos tecelões, foram, ou vão ser despedidos. Como lhes digo, isto agora está mais sócego, tendo sido postos em liberdade muitos grévistas. Mas nas primeiras semanas da greve, esteve em ponto de rebocado.

Entre os muitos manifestos que foram distribuidos por diversas classes em greve, o mais energico que pude obter, foi o dos manipuladores de pão, do qual envio os seguintes periodos:

«Companheiros: A nossa classe, n'este momento, tem talvez de ser classificada como o maior haluarte para fazer render esses senhores a quem demos os nomes de industriaes.

Elles poderão ter dentro dos seus armazens milhares de peças de riscado, poderão ter os seus cofres repletos de ouro, mas o que elles não tem é o pão, porque esse não é fazenda de armazem.

E pela fome que elles querem subjugar os nossos companheiros? Pois ha de ser a mesma fome que os ha de obrigar a capitular.

Se todos, n'este momento angustioso, comprehenderem o seu dever, não haverá um só companheiro que seja traidor aos seus irmãos do trabalho.

A lucta está travada entre patrões e operarios. De um lado está o Capital, do outro está o Trabalho. Pois quere-mos e havemos de mostrar que esse mesmo Capital nada vale quando os braços do trabalhador estão inertes. Queremos gravar nos livros da Associação, em letras bem visiveis: «Eis o Capital aos pés do Trabalhador!»

os manipuladores de pão do Porto já não são os mesmos que eram em 93; que as ideias hoje estão mais adelantadas e que a unificação das classes operarias é um facto.»

A noite de S. João não teve este anno a mesma folia dos annos anteriores porque as coisas não estão para festas. Ainda assim os mais folgazões com as suas marias ao lado, foram comprar o alho porro que dizem livrar dos feitigos, e animados com a pinguita, cantavam quadras ao Santo Percursor e de vez em quando, esquecendo-se do Santo, cantavam:

Ora viva a greve
Olé, olé!
Como a greve do Porto
Não ha
Não ha.

D. C.

Os cabeças cheias... de vento cá do burgo, e a quem outros chamam cabeças... d'ontra coisa, trazem a substituição da cavallaria pela infantaria atravessada nas gueltas como o lobo da fabula trouxe o osso, misericordiosamente tirado depois pelo grou.

Pois tenham paciencia com estas coisas, que são na realidade um poucoquinho amargas, mas que afinal é molestia que já não tem cura. Nem facilmente encontrarão agora quem se preste a serrir de grou para lhes arrancar a tranca que trazem ha muito atravessada no gorgomilho.

Tenham paciencia, tenham paciencia.

A BANDA DO 24—TUNA

Dizem-nos que no proximo domingo, 5 de julho, tocará no Jardim Publico, das 9 horas á meia noite, a excellente banda de infantaria 24, fazendo-se ouvir tambem ali, pela primeira vez, a tuna annexa á mesma banda, que acaba de se organizar no seio d'aquella corporação.

As entradas no Jardim serão mediante uma pequena quantia, cujo producto revertirá a favor do cofre do Monte-Piô Aveirense.

Para um fim tão sympathico, e o desejo de ouvir a tuna do 24, não faltará, decerto, numerosa concorrencia áquelle local, tão aprazivel em noites calmas como as da quadra que vamos atravessando.

Fallecimentos

Acaba de fallecer repentinamente em S. Thomé, o agronomo sr. José Ferreira Estimado. Deixa viuva e filhos na orphandade.

Ferreira Estimado era natural d'Agueda, casando em Aveiro, onde constituiu familia.

Tambem falleceu em Lisboa o importante industrial sr. José Luiz de Moraes, irmão do tambem já fallecido, Domingos José de Moraes.

S. João

Este anno teve o santo percursor festa rija em diferentes partes. Aonde elle foi mais festejado foi na rua Direita, achando-se o local vistosamente embandeirado, tocando na tarde e á noite a conceituada philharmonica dos Bombeiros Voluntarios.

A illuminação, em feitio de tunnel, offercia um aspecto encantador, sendo por isso o local muito concorrido.

Desastre

Ante-hontem, pelas 7 horas da tarde e na rua Direita, um carro que transportava jouca da fabrica da Vist Alegre para a estação do caminho de ferro, tocou com uma das rodas de traz nas saias de Maria Rosa Barrigas, fazendo-a cahir e ferir-se bastante com um caneco de barro que transportava á cabeça.

A NOSSA CARTEIRA

Partiu para Lisboa o sr. dr. Manuel Homem de Mello, deputado por Aveiro.

Partiu na segunda-feira para Entre-os-Rios a esposa e filha do digno presidente da camara, sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto.

Entrou em franca convalescença a esposa do sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, que esteve bastante doente.

Fez na quinta-feira annos o sr. Guilherme Augusto Taveira. Damos a s. ex.ª os nossos parabens.

Esteve n'esta cidade o nosso amigo sr. Manuel Dias dos Santos Ferreira, proprietario da Costa de Vallade.

Foi á capital o nosso amigo sr. Manuel Maria Amador, zeloso chefe da conservação das obras publicas n'este districto.

Esteve ante-hontem em Aveiro o nosso amigo sr. dr. Abilio Gonçalves Marques, distincto clinico do partido municipal na circumscripção da Oliveirinha.

Foi agraciado com a commenda de Izabel a Catholica, o sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, secretario geral do governo civil d'este districto.

Foi no sabbado ultimo ao Porto, d'onde já regressou, o sr. dr. Samuel Maia, talentoso clinico ilhavense.

Tem passado incommodado de saude o nosso amigo sr. Adriano Costa, gerente dos Armazens da Beira mar.

O nosso velho amigo sr. José Bernardino da Cruz, proprietario da acreditada Mineraria Central, tambem tem passado ultimamente mal de saude.

As irmãsinhas

No Collegio dos Orphãos, do Porto, dirigidos por irmãs da caridade, deu-se ha dias um repugnantissimo caso de estupro, de que foi protagonista uma innocente creança de 3 annos de idade, e que os paes, com a sua pouca previdencia, costumavam entregar á guarda e cuidado das irmãsinhas religiosas.

O malvado e bestial sevandija, auctor do attentado, é empregado ou creado particular das taes senhoras, caso para admirar, pois que, sendo aquellas casas de apreçoada devoção, bons costumes e de moralidade, deveriam os seus dirigentes terem o maximo cuidado na escolha dos creados para o seu serviço, não empregando n'elles matulhões viciosos e com o sangue na guelra, prontos a sacrificarem a primeira victima que lhes appareça.

Mas se as manas gostam... Apesar que isto tambem não é caso para grandes admirações desde que em nossos dias se desentrolam scenas canibalescas como as que se deram com a infeliz Sarah de Mattos e as memoraveis e famosa lascivias de Aldegavinha.

E ainda ha alminhas que se lembram de entregar as filhas aos cuidados de taes irmãsinhas! Pois ficam servidas... não ha duvida.

Musica no jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, das 5 ás 7 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

1.ª PARTE

Ordinario.

Morêna (walsa).

Il Pagliacci (pot-pourri).

2.ª PARTE

Carnaval de Veneza (phantasia).

L'Arlesienne (pout-pourri).

Cintra (ordinario).

— Todos reclamam reformas, mas ninguem se quer reformar.

LIBERDADE

Gerada nos embates da Ideia, — Alma gemea do Amor e da Poesia, E' o seu culto — extranha aleluia, E' o seu nome — um crêdo, uma epopeia!

Do grandioso facho que ella ateia A luz aureoreal que se irradia Transforma em paraizo uma enxovia, Aclara a escuridão da noite feia!...

Derruba tronos, alforria escravos, Ideal dos poetas e dos bravos. Suprema aspiração da humanidade...

E' o anjo tutelar dos oprimidos, O alento carinhoso dos vencidos, A deusa morredoura — a Liberdade!

DELFIN GUIMARÃES.

Ha dois templos—um d'elles mais pequeno; Outro, que é maior, está por cima d'este; Tem por cupula o céu, e tem por candelabros A lua ao occidente, e o sol suspenso ao este.

De sorte que quem 'stá no templo mais exíguo Não pôde vêr nascer o sol nem pôde vêr As estrelas no ceu,—que os tectos e as columnas Não o deixam olhar, nem a cabeça erguer.

E' preciso abalar-lhe os tectos e as columnas, Porque se possa erguer a fronte até aos céos... E' preciso partir a Igreja em mil pedaços Porque se possa vêr em cheio a luz de Deus.

ANTHERO DE QUENTAL.

S. Pedro

Festeja-se este anno na rua de José Estevam e na Praça do Peixe, o nosso chaveiro ha tanto tempo esquecido aqui.

Tanto em uma como em outra parte, abrilhanta a festa uma banda de musica.

Ainda a questão das carnes

Como ellas se descobrem

N'um dos dias d'esta semana, vinham á consignação de um alentejo residente em Lisboa, a insignificancia de 150 bois, importados da Argentina e chegados n'um vapor qualquer da carreira d'ali.

Mas o diabo que é tendeiro, como muito bem diz o povinho, fez com que os bois, embora introduzidos de noite na cidade, se tresmalhassem e começassem em correrias furiosas pelas ruas da capital.

Foi medonho o que então se passou. Trambulhões, sustos e desmaios, era o que se via por toda a parte, pois que os boisinhos pareciam trazer o diabo no corpo para marrar.

Ahi está como por um accaso providencial se veio a descobrir que o gado estrangeiro continúa a ser introduzido no paiz, em manifesto detrimento da nossa industria da engorda do gado.

Vê-se, pois, que elle não vem agora directamente d'ali ao arrematante das carnes, mas sim em nome d'um fulanorio qualquer que reside no paiz. Esse fulanorio manda-o transportar depois para as pastagens do Alemtejo ou para outras lezírias quaesquer, e d'ali a pouco lá se vae introduzindo no matadouro de Lisboa como sendo gado d'aquellas paragens, e, talvez, quem sabe, com o nome de gado dos nossos sitios.

E ahi está como os negocios se arranjam e como se tapam os olhos ao sempre ludibriado povinho.

Pois agora, o que os lavradores tem a fazer, é pedirem ao governo que levante a panta aduaneira do imposto de importação de gado, para que essa importação cesse, e só se faça quando cá não tenhamos gado com que possamos sortir o matadouro de Lisboa.

E é-nos licito acreditar que essa importação só tarbamente, e em pequena escala, se fará.

CHRONICA

Um "hom., dito faz um padre

Era d'uma vez um padre. Padre e capellão e por signal muito honrado, muito honesto, bom cura d'almas mas muito divertido.

As suas cans, brancas como a pura neve, alvejavam-lhe na cabeça como que a denunciara aos que o viam, os rigorosos jansénios que por ali tinham passado. Mas, entretanto, pela flexibilidade do seu corpo e pela vermelhidão das suas faces, mostrava ainda a rijura da sua tempera e a boa disposição para os trabalhos da vida.

Era elle ali do logar, tinha também ali a sua familia e entre a qual um sobrinho que era a sua verdadeira predilecção.

Uma manhã, em que elle vinha de dizer a sua missinha no modesto campanário da aldeia, deu de cara com o traquinado do tal sobrinho, que, rebelando-se desculpadosamente pela macia relva do prado, cogitava nas diabruras que deveria progar n'esse dia á rapaziada collega. De vez em quando erguia a leve cabecita para descortinar se o gado por elle guardado se tresmalhava ou fazia perca ao visinho chegado.

E como o bom do padre cura se costumava ir á custa do traquinado do sobrinho, foi-se chegando para elle, sorridente e jovial.

— Bons dias, Manuel... Então que fazes tu homem de Deus? Não vês aquellas cabras e porcos que estão fazendo perca no milharal do Pardiño?

Innocentemente, mentia o bom do padre cura, unicamente para o disfructar e *destacellar-lhe* a lingua. O rapaz, interrompido bruscamente nas suas cogitações abrejeadas, levanta apressadamente a cabeça e dá com os olhos no velho tio padre que, ao lado com elle, se preparava já para lhe ouvir a *travessada* resposta.

— E sem o mais leve cumprimento nem tão pouco mudar de posição, responde logo lépido e agaiatadamente:

— Isso agora mais de vagar, *tio padre*... (e também *tio Manuel*). Ainda agora lhe fui dar *acerca*. O que *vomecê* quer é ouvir-me, mas está enganado, que eu não estou resolvido a gastar o calço á lingua.

E dizendo isto rebolou-se com mais força pela relva magia.

— O *Manuel*, — continuou o padre cura sem desistir do intento de se rir com elle, — tu és já um *rabinho* d'homem e por isso não convém que andes eternamente a guardar porcos e cabras. Tens necessariamente de mudares de vida. O teu *pae* não faz caso d'isso, mas eu tratarei de te metter um officio no corpo.

Sorriu-se o rapazelho em ar de desdem pela proposta do tio, não deixando, no entanto, de lhe agradar a lembrança, esperançado, como estava, de arranjar ainda melhor vida do que a que tinha e que lhe rendesse algum vintem para *assobios*, *gaitas* de que elle muito gostava.

Por isso, com aquelle risinho sarcástico que o immortalizou, retorquiu ladinamente:

Então que officio me quer dar *vomecê*?

— Olha; o officio melhor e que mais está á calhar para ti é o das bombas. Nunca ouviste dizer que tratar das bombas é officio leve?

— ?!!
— Pois era das bombas que tu deverias tratar, mas como os objectos da pyrotechnica tem pouco gasto cá no logar, vaes para sapateiro que pouco mais pesado é.

— *Chica*... sapateiro... essa agora nem a mangar, repontou elle todo abespinhado. Sapateiro... p'ra sapateiro vá *vomecê*; antes queria ir varrer p'ra *cedade* que apunhar as tósas que o *mestre Serapião* costuma applicar aos candidatos á tripeça.

E o rapaz retorcia se enraivado por sobre a relva enquanto o tio, costumado como estava aos destemperos do *Manel Ceguinho*, como lhe chamavam lá no logar, apertava as mãos nas ilhargas para não reventar o cóis das calças com tanto rir.

E' que elle sabia quanto o sobrinho *engallinhava* com o officio de sapateiro e já mais por o mestre tripeça o ter mimoseado com um valente puchão d'orelhas por elle lhe ter feito uma das suas muitas diabruras.

O quererem-no obrigar a ser sapateiro ou a comer um prato de batatas, ainda que estas fossem tenras e doces como favos de mel, era coisa de o fazer dar por paus e por pedras. E a birra ás batatas foi provocada por uma indigestão das ditas que o ia passando d'esta para melhor.

Por isso o tio apertava sempre com o fiado para o ouvir e ia-lhe tocando no fraco desapiedadamente:

— Mas olha lá, ó Manuel; e padre... queres tu seres padre?

— Ah! lá isso é outra coisa... lá para andar com as mãos nos bolsos e a prégar latin ás sebentonas beatorras, então p'ra *hi fale-me vomecê*. E o rapaz já esbugalhava os olhos e escancarava a bôca para ouvir o *desideratum* do velho padre cura.

— Pois bem, vaes para padre, mas tens de me fazer uma coisa que te vou pedir.

— Diga lá... se não for coisa que me custe muito fazer...

— Tens de comer amanhã um bom prato de batatas com carne assada. O rapaz ergue se de salto, enfia o barrete pela cabeça abaixo e crescendo para o velho tio como destemido valentão que vai jogar a sua ultima e melhor cartada, exclama, encruzando os braços em fôrma d'armas de S. Francisco:

— Sabe o que é isto? Pois pôde-se... mais o officio que me quer dar, que eu... *chica*, — fez elle batendo com força os dois braços no cruzamento — antes quero guardar porcos toda a vida que comer uma só batata. Para isto nasci e com este officio hei de morrer.

Mas não succedeu assim, porque o bom do padre cura tanta graça achou ao *pequeno* que o mandou estudar a expensas suas e o fez padre, sem o fazer passar pelo desgosto de comer, sequer, um só par de batatinhas.

Em compensação desterrava aos

collegas o chouriço com ovos que lhes vinham da terra.

E sabi-nos um padre como não ha segando em todo o orbe catholico.

E ali está como um dito a tempo e com graça (porque tem graça ás pilhas) eleva um homem ás culminancias da *roupeta*.

Não admira, porque também um monarcha condecorou e fez grande do reino, um seu hortelão, por plantar com toda a graça uma repolhuda couve n'z sua presença.

E findou a historia do guardador de porcos, que é muito parecida com a historia da *Carochinha*, esposa do *João Ratão*, primos em 2.º grau dos protagonistas d'esta narrativa.

CESAR AUGUSTO.

— O demasiado desejo de explicar o que se não comprehende, faz cahir em absurdos.

Reparos

Reparou muita gente e com razão, por a philharmonica dos *Bombeiros Voluntarios* se ter apresentado a tocar no coreto da rua Direita, á paizana, quando para pequenas festas e arraiaes d'aldeia se apresentam sempre fardados.

Pois devem fazer o mesmo na cidade.

E' muito mais decente e mesmo o fardamento não foi feito para outro fim.

O banho santo

Extraordinariamente concorrido este anno o popular e característico *banho santo*, na praia do Pharol, que os povos das nossas circumvisinhanças tem na conta de milagroso desde que seja tomado á meia noite do dia de S. João.

E lá vão aquellas alminhas em franca romaria e em descantes á viola, rebolarem-se nas salças agudas do mar, onde ás vezes, por imprudências, ali fica também o seu Romeiro.

Este anno, entretanto, não nos consta que succedesse qualquer desastre. O que de certo não deixou de haver foi algum estrago pelos trigaes do *Zé da Burra*, que ali proximo tem a sua quinta, e onde osromeiros costumam passar algumas horas em amena... cavaqueira.

Novo processo de apaziguar desordens

Nas cadeias de Portimão, envolveram-se esta semana os presos em desordem, e de tal maneira se mostraram encarniçados na lucta que foi preciso o emprego da cal para os apaziguar. Este processo era o do tempo da inquisição.

— Assim como o rigor provoca o rigor, a indulgencia attrae a indulgencia.

O fim do mundo

Quando terá logar o fim do mundo?

D'aqui a quatorze mil annos, assegura um astrónomo inglez.

Podemos respirar; tem havido outros prophetas mais ameaçadores.

Logo, dentro de 140 seculos, a estrella polar deixará o seu logar actual para ir passear até á constellação do Dragão.

Então será o começo do fim. Os gelos e as neves do polo cahirão sobre nós, inundando o globo, com grande desaprazimento dos nossos teteranetos.

E se o astrónomo se engana, nós já não estaremos em condições de o rectificar.

Promovidas pela comissão dos festejos ao S. João, na rua Direita, houveram na quinta-feira passada corridas á argolinha e de negativa, de que foram vencedores alguns amigos nossos, amadores d'aquelle genero de sport.

Os premios constaram de doce, vinho e outros objectos miudos e de somenos valor.

Um bocadinho de tarde bem passada.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	900
» encarnado.....	15020
» manteiga.....	700
» amarello.....	700
» mistura.....	700
» caraça.....	15000
» frade.....	800
Milho branco.....	520
» amarello.....	500
Trigo gallego.....	15060
» tremez.....	960
Batatas, 15 kilos.....	240
Ovos, duzia.....	110

A nossa Secção Illustrada

(A' MODA DO... CANUDO)

Os leitores, por certo, nunca viram um *macaco* domesticado... Não, com certeza, nem mesmo isso é muito facil de encontrar.

Pois ha um *sotaina* em Aveiro que domesticou nas proximidades um... *macaco*.

E tornou-se um *macaquinho* d'alto lá com elle.

Tem as fôrmas d'um orango-tango, maneja com facilidade qualquer vara que lhe mettem... na mão, puxa com muita graça pelos *cordelinhos* ao *cosmorama* do patrão para a apresentação em publico de interessantes vistas e outras palhaçadas carnavalescas, e, finalmente, diante de qualquer *Can-galheiro* ou *gato pingado* quebra a *afio* innumeraveis ponteiros a lapis nas garatujas varias que escrevinha.

E' n'isso que elle ainda não attingiu o ultimo grau da perfeição. Mas lá chegará por que é precisamente

to cabelo de christãos e collocam sobre a cabeça as melena de um herège!

O vivo desejo que Braz Luiz de Abreu alimentava de reformar as demasias luxuosas e derisorias dos medicos, tornou-se em justa indignação, e a indignação porventura fel-o poeta como ao satyrico latino. Um dos mais intelligiveis sonetos que elle escreveu em tom apostolico salvou-se do olvido, graças ao acertado cabimento que lhe deu n'um seu livro de medicina. Resa d'esta sorte:

Oh medico! se és medico com effeito Procura mundo ser, mas não mundano; Que de Apollo o caracter soberano Não anima nos vicios o respeito.

Bebe o cá, bebe tu; mas com tal jeito Que o crocodilo do rumor profano Quando vaz a beber do Nilo humano Não possa devorar teu bom conceito.

Em teu ornato a modestia nunca falte, Um pouco mais ao grave do que ao lindo; Que assim obra quem douto assim descorre.

n'esse ponto que o reverendo *sotaina* mais o exercita.

De resto é um *macaquinho* perfeito e digno de ser apresentado e elogiado em publico pelas suas já numerosas habilidades.



Apresentamos por isso hoje a *gravura* do supracitado *sotaina*, obrigado o *intelligente animalsinho* a varias evoluções *macaquinas-pantaguelicas*.

Foi apanhado n'essa occasião pelo *instantaneo* d'um nosso amigo e habil *photographo-amador*, que n'o-lo offereceu para o publicarmos nas columnas do nosso semanario, o que penhoradamente agradecemos.

Consta-nos que o homem da *clarraboi*a na cabeça percorrerá algumas terras do paiz, exhibindo em publico o seu *macaco*, com entradas geraes a tres quinze e por junto a *pataco* a groza.

Ha-de o patrão arranjar dinheiro e o *macaco* celebridade.

São esses os desejos do *Zé das Carapuças*, que pôz hoje de parte a sua *apreciavel critica*, para louvar com justiça os aturados e proficientes trabalhos do *sábio tonsurado* para com o seu inseparavel e querido *macaquinho*.

ZÉ DAS CARAPUÇAS.

Os verdadeiros assassinos da humanidade

Vão os leitores ver o resultado de varias analyses de vinho a que se procedeu esta semana no laboratorio chimico-agricola, do Porto:

«Uma amostra de vinho, em casa de João Lopes Vinagre, da rua do Captivo—improprio para consumo por ser muito aguado e aguardentado.

Duas amostras de vinho, em casa de Fructuoso de Souza Lima, do Largo da Policia—improprio para consumo por ser também aguardentado e aguado.

Uma dita do dito, do mesmo— bom para consumo.

Uma dita d'azeite do mesmo—improprio, e outra proprio, para consumo.

Mais nove amostras de vinho do mesmo negociante—não só improprio para consumo, mas até declarado nocivo para a saude publica.

O resultado d'estas analyses foi communicado ao respectivo tribunal, afim de se proceder convenientemente.

Dos boletins das analyses respeitantes áquellas nove ultimas amostras de vinho, consta que este é preparado com materias só-

E porque a tua fama mais se exalte, Visita a modo de quem vai fugindo, Como do Nilo o cá, que bebe e corre.

O desgraçoso da musa do Olho de Vidro está delatando que o poeta, se não era menos de pedestre, poeta violentando sua indole. O natural d'elle era outro. A meu juizo, tanta prodencia e bom conselho no mais verde da mocidade, argue um aliás louvavel cuidado de se fazer bemquisto aos homens graves do seu tempo. E', de mais d'isso, muito provavel que o medico se temesse de que os rafeiros do santo officio lhe andassem farejando o sangue; e elle, a contas com a consciencia propria, duvidava da pureza de seus incognitos paes, ao lembrar-se do ritho hebraico dos bemfeitores da Villa Flôr. Se os elle não conhecia, quem lhe asseverava que a inquisição os não conhecesse? Se lhe pedissem a certidão do baptismo, onde iria elle esquadrinhal-a?

(Continua.)

FOLHETIM
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)
VI
Braz Luiz

O restante do coração, como diziam os coevos d'elle, era seuõo gentil, mui symmetricamente agaiatado. Vestia com apunhado primôr, e onidava com esmero das melenas negras e lustrosas, que não polvilhava. A razão d'este proceder, tão inverso dos costumes do seu tempo, é elle quem propriamente a escreve d'este modo: «... Enquanto aos polvilhos, tão longe estão de parecerem ornato na cabeça do medico, que antes são presagios lethaes da vida do doente. Porque se a igreja

com pòs na cabeça nos adverte da morte que vem, como o medico com pòs no cabelo nos ha de recuperar a vida que se vae? Eu, quanto a mim, antes creio que os pòs são significativos da morte, enquanto a igreja nol-o diz, do que hieroglyphicos de saude respeitandoo ao medico que os traz. Os verdadeiros ministros d'Apollo só usam de polvilhos cordeaes na região vital; e de polvilhos cephalicos na região animal; de polvilhos estomachicos na região natural. Isto é uso modesto; o mais estaya para dizer que era abuso ridiculo.»
Não curemos de ponderar a justiça das razões que o doutor allega contra os polvilhos. Imaginando que os collegas de Braz Luiz se riram muito d'ellas, faço justiça aos contemporaneos do auctor do *Portugul medico*.
Tambem desadorava os perfumes o nosso doutor n'aquelle tempo em que o paralta de bom cunho recendia como caçoula de ca-

marim de odalisca. Outra razão efficientissima do seu enojo de perfumes: «Sou de parecer que (o medico) evite os cheiros, e que se negue a todo o genero de perfumes, por que ainda que Hyppocrates no seu tempo permitia os que não eram suspeitos aos achaques, comtudo n'este seculo mais escrupuloso por mais prevertido, nenhum genero de perfumes cheira bem... Deixemos esses esmeros para os que vivem á moda, e não excedamos a moda, que nem porque um medico cheira bem, cura melhor.»
Em adornos capillares aceitava o doutor meramente os naturaes: usava simplesmente a sua opulenta grenha, nua de artificios e emprestimos; porque, dizia elle: «Saja também modesto o medico nos adornos da cabeça, tão introduzidos n'este miseravel seculo, que não ha já encontrar solicitador sem cabelleira nem belleguim sem peruca.» E acrescentava: «Quantos desprezam e cortam hoje o honés-

mente derivadas da hulha (!) com mistura de cinzas minerais e outras porcelanas.

Já viram pouca vergonha igual? E nós havemos de nos calar em presença d'estes verdadeiros assassinos á humanidade, tendo de pagar ainda com os nossos magros cobres o veneno com que nos envenenam?

Nada, nada. Isto assim não póde continuar. O governo tem fatalmente de se tornar mais rigorista com aquelles que querem encher o bolsinho á custa da nossa saúde.

Tem que ser.

Falsificadores de farinha

Foram julgados em processo correccional, n'um dos tribunais do Porto, dois mixordeiros arguidos do crime de falsificação de farinhas.

Eram ambos negociantes da Praça de Santa Thereza e davam pelos nomes de Francisco da Silva e Joaquim Marques Castanheira.

Os benemeritos envenenadores do publico foram condemnados o primeiro em 543 dias de prisão correccional e igual tempo de multa a 100 réis por dia; o segundo em 530 dias de prisão e multa correspondente de 100 réis por dia, e ambos nas custas e sellos do processo.

Que lhes preste.

— O Capital é o producto do trabalho, só os que o possuem são os que o não produzem.

Em outros termos: o Capital é o suor do pobre, accumulado gotta a gotta nas arcas dos ricos.

Regulamento do Registo Commercial

A «Bibliotheca Popular de Legislação» com sede na rua de S. Mamede, n.º 107 (ao largo do Caldas) Lisboa, acaba de editar o «Regulamento do Registo Commercial», approved por decreto de 15 de novembro de 1888, seguidos de legislação sobre prestação de fianças Judiciaes; Salubridade das Edificações Urbanas; Organização dos Orçamentos e mais serviços relativos ás despesas de Instrução Primaria; Policia Judicial e de Investigação; Execuções Fiscaes; Casas de Penhores; Regimen de Prisão Maior Cellular; Casa de Correção para Menores do Sexo Feminino; Taxas do Sello de Licenças Industriales; Direitos de Mercês, sendo o seu custo de 160 réis.

— Está no prelo o «Regulamento sobre Substancias Explosivas. O seu preço é de 200 réis.

Notas alegres

No tribunal.

— O réo confessa ter subtraído ao queixoso alguns molhos de palha. O que o levou a commetter esse delicto?

— A fome, a negra fome, sr. juiz!

Quantos deuses ha? pergunta o padre a uma creança.

— Um só, sr. cura.

— Estás bem certo d'isso? O pae é ou não é Deus? O filho não é tambem Deus?

— Ha de sel-o, mas mais tarde, quando o pae morrer...

COISAS UTEIS

Algumas verbas da Lei do Sello.—
Recibos ou quitações e seus duplicados:

De 15000 réis a 100000 réis.....	010
De mais de 100000 réis a 500000 réis	020
De mais de 500000 réis a 1000000 réis	030
De mais de 1000000 réis a 2500000 réis	050
Cada 2500000 réis a mais ou fracção d'esta quantia.....	050

LETRAS Á VISTA OU ATÉ 8 DIAS

De 15000 réis a 200000 réis.....	20
De 200000 réis a 500000 réis.....	50
De 500000 réis a 2500000 réis.....	100

Augmentando 100 réis por cada 2500000 ou fracção a mais

LETRAS A MAIS DE 8 DIAS DE VISTA

De 15000 réis a 200000 réis.....	20
De 200000 réis a 400000 réis.....	40
De 400000 réis a 600000 réis.....	60
De 600000 réis a 800000 réis.....	80
De 800000 réis a 1000000 réis.....	100

Augmentando 100 réis por cada 1000000 réis ou fracção a mais.

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte

5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe.
9,00 m., mixto, todas as classes.
4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos.
8,11 t., omnibus todas as classes.
9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

3,55 da manhã.
10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul

6,48 m., omnibus, todas as classes.
2,12 t., tramway, até Alfarellos.
5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe.
10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe.

TRAMWAYS

Chegada a Aveiro, terminus.
9,49 m.
9,9 t.

Os tramways partem do Porto ás 7,12 da manhã e 6,29 da tarde.

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO

Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde.
Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite.

Largo do Rocio, 42 a 44

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS

Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras

R. DIREITA, 58, 1.ª Aveiro

Cathecismo Moderno (ILLUSTRADO)

Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso.

Preço 50 réis

A venda na Livraria Elysis — Rua Formosa, 282 PORTO

GOSINHA PORTUGUEZA OU ARTE CULINARIA NACIONAL COLLABORAÇÃO DE SENHORAS (Producto reservado a um fim patriótico e piedoso)

2.ª edição, muito melhorada

Contém: — Preliminares sobre Modo de bem viver; A nossa habitação; A agua; A nossa alimentação; O nosso vestuario; Preceitos diversos.

795 receitas, com as seguintes secções: Sopas e purés, 41; Legumes e hortaliças, 25; Carnes diversas, 100; Croquetes e almondegas, 15; Peixes diversos (receitas de bacalhau, 35); 91; Molhos diversos, 28; Massas e entre meios, 19; Pastéis, tortas e empadas, 29; Ovos e omeletas, 27; Saladas diversas, 8; Doces de sobremesa, 203; Compotas e conservas, 54; Doces de chá, 155. — Total 795.

A venda unicamente na Imprensa Academica, de Coimbra para onde devem ser feitas as requisições, acompanhadas da sua importancia, que é: — Em brochura, 600 rs. Pelo correio, 650. Em formosa cartanagem, 700. Idem 760 réis.

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Seldia Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, ao lado de paginas vibrantes e commovedoras, as homericas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA Sucessora da antiga casa David Corazz

Viagens Maravilhosas Coronadas pela academia franceza

A CARTEIRA DO REPORTER POR JULIO VERNE

SIGAMOL-O!

Sensacional romance de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? seguido demais dois soberbos contos do grande escriptor polaco.

Trad. de EDUARDO NORONHA

Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações.

Preço 500 réis

A venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA

DA ACREDITADA FABRICA

“PFAFF,”

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

A machina «PFAFF» para costureiras.
A machina «PFAFF» para alfaiates.
A machina «PFAFF» para modistas.
A machina «PFAFF» para sapateiros.
A machina «PFAFF» para seleiros.
A machina «PFAFF» para corrieiros.
A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambráia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a

Jose Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

O FOGO

Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. É esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreecho e pela sua forma artistica e impecavel.

DOIS MLEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES

Cada vol., 100

Pedidos á Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

ROLÃO PALMA

ESTA fariuha muito mais barata e superior do que qualquer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas.

Praça do Pelxo AVEIRO

SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

300 rs. cada volume 300

A venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA.

A NOVA PHASE

DO SOCIALISMO

POR

JOÃO DE MENEZES

A venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 300

ARMAZENS

BEIRA-MAR

DE MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22º R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

Preços fixos

D'aquí levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

VENDA SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas.
Lonças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flores artificiaes e cordas fanerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.
N. B. — Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79